

3.1.3 Introdução à *bios theoretikos*: a vida intelectual em Antonin-Gilbert Sertillanges

Márcio de Oliveira Cirilo, Luiz Felipe Matta Ramos e Marcial Ribeiro Chaves

Introdução à *bios theoretikos*: a vida intelectual em Antonin-Gilbert Sertillanges

M. O. CIRILO(1) ; L. F. M. RAMOS(2) e M.R. CHAVES(3)

(1)Licenciando em Pedagogia pela Universidade Santo Amaro - UNISA. Licenciando em Filosofia no Programa de Aproveitamento Extraordinário de Conhecimento pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro - UniÍtalo. E-mail: marciocirilo23091996@gmail.com

(2)Filósofo, Pedagogo e Educador Físico. Mestre em Filosofia da Educação e Psicanalista. Coordenador e docente do curso de Licenciatura em Filosofia e coordenador do curso de Licenciatura em Filosofia no Programa de Aproveitamento Extraordinário de Conhecimento pelo Centro Universitário Ítalo-Brasileiro - UniÍtalo. E-mail: luiz.ramos@italo.br

(3)Geógrafo e Pedagogo. Pós-graduado em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Mestre em Políticas Sociais. Coordenador de Pesquisa e Iniciação Científica do Centro Universitário Ítalo Brasileiro onde é docente do Curso de Pedagogia. E-mail: chaves,m@uol.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

CIRILO,M.O.; RAMOS,L.F.M.; CHAVES,M.R. Introdução à *bios theoretikos*: a vida intelectual de Antonin-Gilbert Sertillanges. URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.12, n.2, p. 202-223, abr/2022

RESUMO

O tema central desse estudo é a vida intelectual no pensamento de A. G. Sertillanges, fazendo uma breve passagem pelo pensamento aristotélico sobre a *Bios Theoretikos*. Será abordado através da revisão bibliográfica de materiais teóricos relevantes a respeito. Objetivou explicar o que é a vida intelectual e qual a sua importância para a sociedade, a cultura e a formação da pessoa humana, principalmente do professor. Buscou-se dessa maneira, contribuir para o despertar da intelectualidade, a reflexão a respeito da realidade intelectual em que estamos inseridos e, por consequência, a melhoria da educação em todos os aspectos. Ninguém pode aprender se não quiser aprender e ninguém pode querer aprender se não encontrar sentido no aprendizado, tampouco se pode ensinar aquilo que não se sabe. Portanto, este estudo é extremamente relevante, pois busca resgatar a disposição, o sentido e a virtude na dedicação ao exercício intelectual, que é indispensável para a vida humana.

Palavras-chave: *Bios Theoretikos*. Vida intelectual. Sertillanges.

ABSTRACT

The central theme of this study is the intellectual life in the thought of A. G. Sertillanges, making a brief passage through the Aristotelian thought on *Bios Theoretikos*. It will be approached through the bibliographical review of relevant theoretical material about it. It aimed to explain what intellectual life is and what is its importance for society, culture and the formation of the human person, especially the teacher. In this way, we sought to contribute to the awakening of intellectuality, reflection on the intellectual reality in which we are inserted and, consequently, the improvement of education in all aspects. Nobody can learn if they don't want to learn and nobody can want to learn if they don't find meaning in learning, nor can they teach what they don't know. Therefore, this study is extremely relevant, as it seeks to rescue the disposition, meaning and virtue in the dedication to intellectual exercise, which is essential for human life.

Keywords: *Bios Theoretikos*. Intellectual life. Sertillanges.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos a vida intelectual e disposições necessárias para o exercício intelectual. Infelizmente vivemos em uma sociedade cada vez mais hedonista, imediatista, narcísica, egocêntrica e niilista, em que tudo é voltado ao prazer próprio, ao orgulho próprio e nada parece ter sentido, tudo isso é refletido nos meios sociais, culturais, políticos, intelectuais etc. Isso afeta diretamente a sociedade como um todo, com um grande impacto principalmente educacional, visto que, se o trabalho intelectual não tem um sentido e muito menos gera qualquer prazer imediato, ele logo será visto como algo pouco atraente e colocado em último plano.

Podemos fazer uma analogia do exercício intelectual com o exercício físico. O exercício físico é um trabalho cansativo, que exige muito esforço e que gera pouco prazer imediato na maioria das pessoas. Mas com foco em sua finalidade, ou seja, obter a saúde, um porte físico atraente ou por algum outro fim específico, muitos lançam-se a exercitar-se, ainda que tenham pouco ou nenhum prazer nos meios para que alcancem os seus fins, que é onde encontra-se o prazer e o sentido do sacrifício que está sendo feito. Pois bem, é necessário dizer que o mesmo ocorre com o exercício intelectual. É um trabalho maçante, cansativo e que há pouco ou nenhum prazer em fazê-lo no que diz respeito aos meios, “os atletas da inteligência, como os atletas do desporto, têm de prever privações, longos treinos e tenacidade por vezes sobre-humana” (SERTILLANGES, 2019, p. 6), mas que terá excelentes resultados no fim.

Assim como existem os *personais trainers* que estudam as melhores formas de se exercitar para evitar qualquer dano ao corpo, também tivemos ao longo da história grandes “*personais trainers*” do exercício intelectual, que nos ensinaram maneiras de exercer a vida intelectual de forma reta, eficaz, metódica e dedicada, sem que haja danos na alma, visto que a inteligência aqui será tomada como uma potência da alma. Chamamos esses “*personais trainers*” de filósofos.

Muitos filósofos ao longo da história abordaram este tema, mesmo os pré-socráticos, mas podemos observar que as primeiras abordagens

mais profundas se deram a partir dos relatos sobre a vida de Sócrates nos livros de Platão e, principalmente, nos escritos aristotélicos quando o Filósofo descreve um estilo de vida próprio dos filósofos, ao qual chamou de *bios theoretikos*, que significa vida contemplativa ou, em tradução mais literal, vida teórica.

Como objetivos, buscaremos compreender do que se trata a *bios theoretikos*, o que é a vida intelectual e quais são as disposições para exercê-la. Com a finalidade de despertar o desejo da dedicação ao trabalho intelectual, à vida ordenada e à edificação própria e do próximo. Ao mesmo tempo, ser uma base segura para a compreensão do pensamento de Sertillanges exposto em seu livro, que apesar de parecer somente uma ética aplicada, trata-se de filosofia e teologia profundas.

Na primeira parte do trabalho, iremos contextualizar e conceituar o que é a *bios theoretikos* e a sua relação com a vida intelectual. Na segunda parte, iremos aprofundar-nos mais sobre a vida intelectual, abordando seus principais pontos e discorrendo a respeito. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica. Para a pesquisa, foram utilizados livros pertinentes ao tema.

BIOS THEORETIKOS

Em sua metafísica o Filósofo define que todo ente tem quatro causas, sendo: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final. Para compreender a *bios theoretikos* é importante compreender qual é a causa final e, mais especificamente, a causa final do homem. O Filósofo nos explica que "a quarta [causa], que se opõe a precedente, é o "fim para que" e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda geração e movimento)". (ARISTÓTELES, 1984, p. 16). Isto é, a causa final é o "fim para que" o ente existe, o motivo, a razão de sua existência, e o bem. É importante considerar que o bem e o fim são usados comumente como sinônimos, pois o bem é a finalidade de toda geração e movimento. (Aristóteles, 1984). Pois bem, tendo entendido o que é a causa final, podemos agora compreender a causa final do homem, ou seja, o fim para qual o homem existe. Após algumas reflexões o Filósofo conclui que este fim é a *eudaimonia*, palavra que traduzimos como felicidade e o objeto desse bem é a *areté*, que traduzimos como virtude. Sendo assim, um homem só conseguirá alcançar o seu fim, a *eudaimonia*, vivendo a vida virtuosa, dedicada ao seu interior, que é própria dos filósofos (aqui filósofo tem o sentido daquele que é apto à contemplação), que o Filósofo chamou de vida contemplativa (*bios theoretikos*).

A relação da *bios theoretikos* com a vida intelectual

Se a vida contemplativa é uma vida dedicada à perfeição, com a finalidade de alcançar o bem último e é a vida própria do filósofo que, Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.12, n.2, abr/2022.

por sua vez, tem a dedicação ao exercício intelectual como primeiro passo para iniciar nessa jornada, podemos concluir que a vida intelectual é o primeiro passo para alcançar a felicidade, logo, podemos concluir que todos devemos praticar a vida intelectual (não necessariamente a vocação intelectual da qual trata Sertillanges, mas a intelectualidade que todos têm, em maior ou menor grau) como um meio para se alcançar tal bem. Podemos observar melhor essa relação quando Santo Tomás de Aquino (2013, p. 94, grifo nosso) nos diz que “a felicidade perfeita do homem consiste na contemplação **intelectual**, enquanto estiver presente a permanência da vida.”

VIDA INTELECTUAL

Com os escolásticos, à luz da revelação, é possível observar que a vida contemplativa adquire um caráter ainda mais transcendental, visto que para estes a felicidade só se consolidará plenamente na bem-aventurança eterna, em que será possível contemplar a Deus em sua essência, enquanto aqui nós poderemos apenas gozar de uma felicidade imperfeita. Como podemos observar quando Santo Tomás de Aquino (2013, p. 97) diz que

Não há proporcionalidade presente no homem que relacione o seu intelecto a si mesmo, [mas esta proporcionalidade está fora do homem, ou melhor], acima dele, [em Deus].

A proporcionalidade humana não é oriunda da natureza corpórea e composta. Pelo contrário. Ela se coaduna com a parte mais alta, encontrada mais perfeitamente nas substâncias superiores, e que o homem possui apenas imperfeitamente, ou melhor, por mera participação.

Sertillanges, por ter como principal influência a filosofia tomista, segue o mesmo raciocínio de Santo Tomás e, portanto, escreve seu livro sobre a vida intelectual voltado para os cristãos, tendo como base princípios transcendentais. O quê, no entanto, não é um empecilho para que aqueles que não são cristãos, possam também ler e tirar bons frutos do que foi escrito, visto que podemos em muitos pontos tratar das questões em dois aspectos, a saber, os aspectos teológicos ou transcendentais e os aspectos naturais ou imanentes.

Na concepção de Sertillanges, a vida intelectual é uma vocação e o intelectual é um consagrado. Tanto a vocação, quanto a consagração, podem tomar um sentido transcendental e um sentido imanente. Sendo assim, o sentido transcendental de vocação é o do chamado divino a fazer algo. Em seu sentido imanente, a vocação é uma aptidão ou inclinação a buscar algo a que dedicar a vida, daí que temos os testes vocacionais. A consagração, em sentido transcendental, é ofertar sua vida a Deus de forma religiosa. Em sentido imanente, podemos dizer que tem quase o mesmo sentido de vocação, visto que é realizar a entrega da vida a alguma finalidade. Assim podemos dizer que tanto em seu sentido teológico, quanto em seu sentido natural, a vocação e a consagração a algo, exigem esforço e dedicação.

Uma vocação não se satisfaz com leituras vagas nem com pequenos trabalhos dispersos. Requer penetração, continuidade e esforço metódico, no intuito duma plenitude que responda ao apelo do Espírito e aos recursos que lhe aprouve comunicar-nos. (SERTILLANGES, 2019, p. 6)

Essa dedicação exige uma entrega, frequência e perseverança, mas antes de tudo é preciso esvaziar-se do egoísmo, da busca da

verdade para si mesmo. Santo Tomás de Aquino nos diz que “há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade”. O intelectual aqui é aquele que reflete sobre a verdade e tem o dever de levar ao próximo a verdade que foi contemplada, por isso não pode ser um isolado, o isolamento é inumano (Sertillanges, 2019), entretanto, também não significa que não deva haver um recolhimento disciplinado ao estudo, à oração e ao silêncio, mas devem estar devidamente equilibrados com as relações com outras pessoas, as doses de ação, e, principalmente, o serviço ao próximo. O intelectual se coloca a serviço do seu tempo, reflete sobre as questões do seu tempo, apresenta verdades contempladas em seu tempo. Sertillanges se coloca como exemplo disso. No contexto em que escreve sobre a vida intelectual, o mundo foi assolado por duas grandes guerras que destruíram a Europa e grande parte da tradição cultural e intelectual do continente, bem como, estavam em pleno ápice as filosofias que dão prioridade à prática e rejeitam a tradição contemplativa da filosofia clássica, que Sertillanges e outros tomistas do século tentavam resgatar através do movimento neotomista. O livro teve três edições escritas pelo autor desde a época em que foi redigida a primeira edição, e para cada uma das versões Sertillanges escreveu um prefácio diferente, dada a preocupação de atualizá-lo segundo o contexto em que estava novamente sendo publicado.

Sobre a importância de o intelectual dedicar-se ao seu tempo, explica-nos que

Nem todos os tempos valem o mesmo, mas todos os tempos são tempos cristãos, e há um que para nós e praticamente os ultrapassa a todos: o nosso. Para ele são os nossos recursos nativos, as nossas forças de hoje e as de amanhã, e por conseguinte os esforços que lhes devem corresponder. (SERTILLANGES, 2019, p. 17)

Ao mesmo tempo em que o intelectual deve viver para seu tempo, deve haver um resgate dos bons valores passados, uma comunicação, podemos dizer até dialética, com tais valores. De forma que, aprendendo com o passado, façamos reflorescer os valores, mas atualizados segundo nosso tempo.

Utilizemos, como vivos, o valor dos mortos. A verdade é sempre nova. Todas as virtudes antigas querem reflorescer, exatamente como a erva da madrugada beijada pelo orvalho. Deus não envelhece. É mister ajudá-lo a renovar, não os passados enterrados, nem as crônicas extintas, mas a eterna face da terra. (SERTILLANGES, 2019, p. 17)

Conclui dizendo que

Este é o espírito do intelectual católico, esta a sua vocação. Quanto mais depressa a determinar pelo descobrimento do gênero de estudos a que se deve consagrar, tanto melhor. (SERTILLANGES, 2019, p. 17)

Podemos compreender católico de duas formas. No sentido transcendental, o espírito do católico como membro da Igreja. No sentido imanente, católico como sinônimo de universal, ou seja, da verdade que é universal e não pode ser fragmentada, a catolicidade da realidade. Todo intelectual busca a verdade uma acima de todas as coisas e por isso partilha do mesmo espírito.

A ciência comparada, a filosofia tomista e o senso de mistério

Começamos por definir o que é a ciência comparada, assim poderemos compreender melhor do que se trata todo o resto. “Entendemos por ciência comparada o alargamento das especialidades pela aproximação das disciplinas conexas e a subordinação das mesmas e do seu conjunto à filosofia geral e à teologia.” (SERTILLANGES, 2019, p. 84).

Como já discorremos sobre, o espírito do intelectual católico é relacionado à unidade que existe no todo, que não pode ser reduzida à parte. Como também já foi exposto, tudo se ordena a um fim. O conjunto de conhecimento só encontra uma unidade fundamental se houver um elemento global que os articulem, aqui o elemento é o sumo bem, que na filosofia tomista é próprio Deus. Daí se segue que é necessário haver uma ordenação das ciências, sustentadas nas bases filosóficas e teológicas, para que haja um ordenamento do todo. Há sempre uma teologia natural (metafísica) e sempre se trabalha com a ideia de transcendente, sendo assim, se há problemas de ordem na ciência é porque há um problema na ordem metafísica ou não se tem uma metafísica, por isso a ordem metafísica é o ponto central, para que todo o resto também esteja ordenado.

Assim como nenhuma ciência particular se basta a si própria, assim também o conjunto das ciências, se não sustenta sem a rainha das ciências – a filosofia –, nem o conjunto dos conhecimentos humanos sem a sabedoria derivada da ciência divina – a teologia. (SERTILLANGES, 2019, p. 88)

Podemos observar claras críticas à ciência e à filosofia modernas nesta parte do livro, bem como é a parte em que o pensamento filosófico do autor fica mais evidente. Para compreender melhor, precisamos iniciar a partir da compreensão do principal problema que o autor vê na filosofia moderna e esse problema é a perda da unidade, que levou à perda da metafísica, que levou à perda da ordem. O ímpeto de conhecer, levou os homens a perderem aquilo que é essencial. O cientificismo, acompanhado de um imediatismo, acabou fazendo com que as ciências se tornem algo diminuto, que tem o desejo de explicar tudo sobre tudo, de conhecer tudo a respeito de tudo. Para isso, cada homem busca especializar-se em algo e saber absolutamente tudo sobre esse algo, mas quanto mais especializa-se, mais ignorante fica, porque deixa de considerar a ciência como um todo e passa a considerá-la somente como aquela parte. Não é errado cultivar uma especialidade, apenas não podemos deixar-nos confinar nela (Sertillanges, 2019). As ciências servem umas às outras e precisam ser consideradas em sua totalidade.

Será possível estudar uma peça de relógio, sem pensar na peça vizinha? Ou estudar um órgão, sem tomar em conta o organismo? Do mesmo modo, é impossível avançar em física ou em química sem a matemática, em astronomia sem a mecânica e sem a geologia, em moral sem a psicologia, em psicologia sem as ciências naturais, em coisa alguma sem a história. Todas as ciências são interdependentes; as suas luzes cruzam-se, e qualquer tratado inteligente duma delas implica mais ou menos as outras. (SERTILLANGES, 2019, p. 85)

Um intelectual deve rejeitar esse racionalismo que busca explicar tudo de forma prática, a possibilidade de conhecimento é infinita, a beleza de conhecer encontra-se no senso de mistério, que nos causa

espanto a cada novo aprendizado. É preciso lançar-se ao mar do conhecimento infinito para navegá-lo, não para atravessá-lo e torná-lo finito, como nos fala Chesterton em sua *Ortodoxia*:

A poesia é sã porque navega docemente em um mar infinito; a razão busca cruzar esse mar e assim torná-lo finito. O resultado é a exaustão mental[...] O poeta só deseja exaltação e expansão, um mundo em que possa se estirar; só quer elevar sua cabeça aos céus. É o lógico que busca colocar os céus em sua cabeça. E é a sua cabeça que se fende. (CHESTERTON, 2018, p. 20)

Se trocarmos a palavra poeta por intelectual, visto que o poeta tem um sentido oposto ao do lógico racionalista, ou seja, o poeta é a pessoa ordenada em busca de uma sabedoria consoladora, poderemos ver uma similaridade muito grande com a ideia passada por Sertillanges. O poeta de Chesterton é o homem de caráter nobre em Sertillanges (2019, p. 114) “um carácter nobre sabe que as nossas luzes são apenas degraus de sombra por onde ascendemos à claridade inacessível.”

Podemos notar que o homem que julga saber tudo é aquele racionalista da ciência desordenada, que quer explicar a parte sem depender do todo e depois julga que a parte é o todo, em um pensamento metonímico. Por isso “quem julga compreender tudo, prova que nada compreende. Os que se contentam com respostas provisórias a problemas que na realidade se põem, falseiam sempre a resposta não sabendo que ela é parcial.” (SERTILLANGES, 2019, p. 113). Sertillanges trata desses homens como ignorantes. Chesterton, que tem uma forma de escrever muito mais veemente, trata-os como loucos.

A imaginação não gera insanidade; é a razão que o faz. Não são os poetas que enlouquecem, mas os enxadristas. Os

matemáticos e os bancários enlouquecem; mas raramente isso acontece com os artistas criativos. Não estou de forma alguma atacando a lógica: só disse que o perigo reside na lógica e não na imaginação. (CHESTERTON, 2018, p. 19)

Sertillanges (2019) nos conta que mesmo Santo Tomás de Aquino no fim de sua vida, considerou palha tudo que escreveu. Assim como ele, o intelectual jamais deve perder o senso de mistério; sabe que pode buscar sempre mais conhecimento e, por consequência disso, está sempre consciente de sua ignorância.

O mistério é, em todas as coisas, a luz do que se conhece, como a unidade é a fonte do número e a imobilidade o segredo das corridas vertiginosas. Sentir sussurrar em si todo o ser e toda a duração, chamá-los a dar testemunho é, uma vez mais, a despeito do seu silêncio, cercar-se das melhores garantias para a aquisição da verdade. **Tudo depende de tudo**, e as relações dos seres mergulham nesta noite em que penetro as apalpadelas. (SERTILLANGES, 2019, p. 115, grifo nosso)

Neste trecho podemos novamente notar o senso de unidade presente na ideia de Sertillanges, essa ideia vem da filosofia tomista, que traz a unidade metafísica que é indispensável para a ordem, nela está a solução para o problema central apresentado. Para ele é necessário que haja uma unidade capaz de abranger em si todos os conhecimentos básicos necessários. Tudo isso pode ser facilmente observado quando o autor escreve:

É incontestável a utilidade de possuir desde muito cedo, desde o princípio, se possível for, um corpo de ideias diretrizes, capaz, como o ímã, de atrair e subordinar a si todos os conhecimentos. Quem o não possui, assemelha-se, no universo intelectual, ao viajante que facilmente descamba no ceticismo, em consequência de frequentar civilizações diversas e doutrinas contrárias. Esta confusão é uma das grandes

calamidades do nosso tempo. Libertar-se dela, graças ao equilíbrio intelectual ministrado por doutrina segura, é benefício incomparável. Ora, sob este respeito, o tomismo é dum valor a toda a prova. (SERTILLANGES, 2019, p. 93).

Podemos observar mais profundamente o pensamento do autor sobre o resgate pela filosofia tomista da unidade metafísica e filosófica, no seguinte trecho:

Nenhuma metafísica oferece às ciências da natureza princípios de ordenação e de interpretação mais benéficos; nenhuma psicologia racional condiz mais com os resultados da psicologia experimental e das ciências anexas; nenhuma cosmologia se mostra mais maleável e acolhedora às descobertas que vieram desfazer tantos devaneios antigos; nenhuma moral serve melhor o progresso da consciência humana e das instituições. (SERTILLANGES, 2019, p. 93).

Essa unidade precisa estar presente no intelectual, para que haja a ordem. Ele não deve ser um especialista a ponto de desconsiderar todas as demais coisas, mas também não deve ser um generalista a ponto de querer para si todo o conhecimento que existe, porque isso é impossível, como já exposto. É necessário que haja um sacrifício, é necessário que se estude algo mais profundamente que as outras coisas, é necessário que isso que sabe mais profundamente esteja relacionado aos conhecimentos gerais das ciências ordenadas à filosofia e à teologia, é necessária uma submissão à verdade quando esta for alcançada e é necessário que se tenha uma sólida tradição filosófica, que é a filosofia tomista.

As virtudes: ética e teologia espiritual de Sertillanges

No que tange a vida intelectual, as virtudes são parte importantíssima, pois a vida intelectual em Sertillanges é sobretudo ética clássica, visto que a ética clássica trabalha quase integralmente com as virtudes para a edificação própria e do próximo, e tornam o homem justo e bom, ou, melhor dizendo, participante do bem. Aqui o alcance dos fins está na realização dos bens. Isso acontece porque todo conhecimento tem uma dimensão ética, ou seja, para ser um intelectual é indispensável que haja virtudes que lhe são próprias e é dessas virtudes próprias que Sertillanges trata. Porém é necessário ressaltar que, apesar de que trataremos a questão da edificação a partir de seu aspecto filosófico, Sertillanges aborda o tema ainda do ponto de vista teológico, mais precisamente da teologia espiritual, ou seja, aqui a edificação própria tem como finalidade o fim último e absoluto da vida cristã, que é a glória de Deus, e o fim próximo e relativo, que é a salvação da própria alma, pois se o fim é o sumo bem e na escolástica o sumo bem é Deus, o alcance do sumo bem e da *eudaimonia* eterna é a visão beatífica de Deus em sua essência, para isso se ordena a vida intelectual e tudo que nela consiste. De forma imanente podemos dizer que esse fim é a busca da sabedoria, que é o fim próprio do filósofo e no que consiste a sua felicidade, que é a felicidade mais perfeita. O intelectual é aquele que possui uma alma sã, porque desenvolveu as virtudes necessárias para que assim seja. As paixões atrapalham a vida intelectual “o exercício das virtudes morais, [...]das virtudes que refreiam as paixões, importa sobremaneira para a aquisição da ciência.” (AQUINO apud SERTILLANGES, 2019, p. 20). É possível notar essa relação de intelectualidade e moralidade no livro *Confissões*, quando Santo Agostinho (2007) afirma que antes de sua conversão ele não era capaz de identificar elementos da realidade que são evidentes.

É necessário destacar que a pessoa humana é uma composição de corpo, alma e espírito, então depende de uma vida espiritual, que é a relação com Deus; uma vida intelectual, que é a relação com a inteligência; e uma vida física, que é um corpo saudável. Porém não são três vidas, a vida é uma só, aqui só estamos observando de três aspectos que são relacionados ao corpo, à alma e ao espírito de um só homem. Por isso, é importantíssimo discorrer sobre aquelas virtudes que Sertillanges toma como indispensáveis para a vida do homem, mas com vista à saúde da vida intelectual.

A estudiosidade está vinculada à temperança. Não estudar por curiosidade ou motivos torpes é o principal ponto. É necessário saber o que estudar, como estudar e para quê estudar. Não se deve estudar para tudo saber, o intelectual não é um erudito (Sertillanges, 2019). Sendo a estudiosidade uma virtude, ela está no justo meio entre dois extremos (Aristóteles, 1984).

A disciplina do corpo presume um espírito de mortificação e autodomínio. Está relacionada à boa saúde do corpo e boa alimentação (Sertillanges, 2019).

A simplicidade pode-se entender de muitas formas. Não se sobrecarregar de coisas alheias e supérfluas é o “fio condutor” para compreendê-la. Porém também se encontra no bom relacionamento familiar e na compreensão do cônjuge da vocação, na atenção aos filhos que devem servir não como estorvo, mas como fonte de renovação das energias (Sertillanges, 2019).

A solidão implica a organização da vida, o recolhimento interior e, se possível, o exterior; a paciência e o silêncio (Sertillanges, 2019).

A cooperação e o cultivo de relações fazem referência à vida em comunidade. Partilhar ideias, conversar sobre o que se estudou, Unifitalo em Pesquisa, São Paulo SP, v.12, n.2, abr/2022.

aprender com o próximo, escrever para o público etc. Ser autodidata pode prejudicar o aprendizado (Sertillanges, 2019).

O conhecimento de si próprio, conhecer suas limitações para não ir além das próprias forças. Saber o que se sabe, quanto sabe e quanto falta para saber (Sertillanges, 2019).

O desprendimento que muitas vezes faz com que tenhamos que renunciar ao que não é essencial. Renunciar à sede de ganhar dinheiro a todo custo, de fazer uma carreira, de ser reconhecido. Não que não possamos fazer tudo isso, mas é preciso que haja uma ordenação (Sertillanges, 2019).

A constância e perseverança, para cumprir as metas de leitura/estudo e não desistir. Supõe uma disciplina, para não deixar leituras pela metade e para não desistir de compreender um assunto (Sertillanges, 2019).

Buscar com sinceridade fazer bem tudo que se faz. Buscar fazer bem não é ser perfeccionista. É ter zelo e cuidado com o que se está fazendo, buscando sempre fazer da melhor forma possível, segundo as limitações (Sertillanges, 2019).

O trabalho intelectual prático

Esta pesquisa tem como foco central abordar o que de filosófico existe no pensamento de Sertillanges, de forma que a abordagem de cada um dos pontos práticos para o exercício intelectual fugiria da nossa proposta, porém é possível observar uma abordagem filosófica e até mesmo pedagógica do autor, mesmo quando se fala da prática intelectual. É necessário destacar também que quando falamos em prática, de forma alguma queremos dizer que aquilo que tratamos até Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.12, n.2, abr/2022.

aqui não era prática, visto que, quando se trata de vida intelectual, estamos falando precisamente sobre como um intelectual deve viver, o que deixa subtendido uma ação. Mas aqui trata-se de uma prática no sentido mais próprio da palavra.

Um dos pontos em que podemos identificar mais claramente o pensamento filosófico/pedagógico também diz respeito à filosofia clássica, pois o autor, que aborda de forma mais profunda alguns pontos já brevemente discorridos durante o texto, foca em falar principalmente sobre a leitura, a escrita, o diálogo com pessoas mais experientes e a memorização. Se tomarmos por escrita e leitura aquilo que diz respeito à gramática; o diálogo que exige mais propriamente a dialética, mas também uma certa retórica; e a memorização em que claramente se fala sobre associações de ideias, ligar pontos, associar acontecimentos e chegar a conclusões, que é próprio da lógica; temos, não por acaso, como princípios regentes da prática intelectual, as disciplinas do Trivium, nas quais certamente Sertillanges se baseou para a abordagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como tema central a vida intelectual segundo Sertillanges. Neste trabalho, o autor buscou esboçar os tópicos mais relevantes a respeito do tema, abordando sempre de um ponto de vista filosófico e explicando a relação daquela questão com a filosofia, o que não é tarefa fácil, dada a profundidade da filosofia e da teologia que a questão envolve.

Primeiramente, foi feita uma breve introdução à *bios theoretikos* explicando de forma sintetizada no que ela consiste e qual a sua relação

com a vida intelectual. Escreveu-se também sobre uma certa relação com a quarta causa aristotélica.

Na segunda parte da pesquisa aprofundou-se sobre o que é a vida intelectual: a ciência comparada, a filosofia tomista, o senso de mistério, as virtudes em que perscrutou-se a respeito da ética de Sertilanges e a teologia espiritual. Também falou-se sobre a filosofia/pedagogia que envolve a prática intelectual.

Com base no que foi apresentado na segunda parte, observa-se que a dedicação à vida intelectual exige uma ordem que já não é mais observada pelas ciências modernas, o que acaba gerando uma perda da unidade que só pode ser restaurada com uma base filosófica sólida como a tomista. Além disso, destaca-se que as virtudes são extremamente caras a esta temática, já que a vida intelectual é uma abordagem muito voltada à ética clássica. Foi exposto também que a prática intelectual de Sertillanges foi influenciada pelo Trivium.

Do exposto, conclui-se que a vida intelectual é uma vocação que exige dedicação, esforço e renúncias aos quais nem todos estão dispostos, mas todos em menor ou maior grau são chamados a algum nível de intelectualidade e aperfeiçoamento de si. Principalmente os estudantes, visto que estão buscando adquirir conhecimento e, sobretudo, os professores, pois de todas as profissões é a que tem o mérito de se colocar a serviço do intelecto.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2007.

AQUINO, Santo Tomás de. **Sobre os prazeres: Comentário ao décimo livro da Ética de Aristóteles**. Campinas: Ecclesiae, 2013.

ARISTÓTELES, **Metafísica (livros I e II); Ética a Nicômaco; Poética**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CHESTERTON, G. K. **Ortodoxia**. Campinas: Ecclesiae, 2018.

SERTILLANGES, Antonin-Gilbert. **A Vida Intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos**. São Paulo.